

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão na UFPel e a experiência da tutoria

GEAN CARLOS BRANDÃO¹;
MÍRIAN PEREIRA BOHRER³

¹*Universidade Federal de Pelotas – karlos867gean@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – nai.ufpel.aee@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A acessibilidade e a inclusão na Educação Superior têm alcançado maior visibilidade em decorrência dos movimentos em busca dos avanços neste campo, bem como das conquistas alcançadas nas últimas décadas.

A escrita deste trabalho deter-se-á na abordagem do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI da Universidade Federal de Pelotas e também sobre a minha experiência enquanto tutor deste Núcleo. O NAI foi criado em 15 de agosto de 2008, através do Projeto Incluir, do Ministério da Educação. Atuando na promoção de políticas e ações que buscam efetivar a inclusão no Ensino Superior, o Núcleo tem trabalhado em prol da garantia do acesso, da permanência e da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem para as pessoas com deficiência em nossa Universidade. Assim como garantir a acessibilidade em todos os níveis e espaços da UFPel. O projeto de desenvolvimento de tutorias junto aos acadêmicos com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação se constitui mais uma iniciativa do Núcleo, o qual, articulado com outras ações, vem colaborando para a inclusão acontecer em nossa universidade.

Este trabalho se inscreve na área da Educação e objetiva trazer para reflexão e discussão acadêmica a centralidade da inclusão na universidade nos dias atuais, buscando enfatizar as atuações do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, em especial o projeto de tutorias.

2. METODOLOGIA

Em maio deste ano, o NAI realizou a divulgação do edital de seleção de tutores para acadêmicos com deficiência, Transtorno do Espectro Autista, Altas Habilidades e Superdotação. As tutorias, com previsão para um ano de atividades, têm como objetivo o acompanhamento e auxílio nos estudos destes acadêmicos para que a aprendizagem ocorra, e estes estudantes possam ser incluídos, permaneçam na universidade, e tenham sucesso em suas atividades. Candidato-me então, a uma vaga de tutor, por acreditar que essa oportunidade me faria crescer como pessoa. Sou aprovado na seleção e passo a tutorar um acadêmico com Paralisia Cerebral e outro com Transtorno do Espectro Autista em cursos de graduação das ciências exatas.

Tornar-me tutor no NAI está se mostrando uma escolha muito importante na minha formação acadêmica. A certeza de que era uma boa escolha veio durante o processo seletivo para a bolsa, ao ler as perguntas que foram dadas e ao pensar na resposta para elas. Ao saber que fui selecionado, fiquei feliz pela oportunidade de ter essa experiência e, ao mesmo tempo, apreensivo, por não saber bem como funcionariam as tutorias, ou como seria a relação com meus tutorados. Toda essa apreensão foi sanada no primeiro encontro no NAI, no qual nos passaram o nome dos alunos que acompanháramos e apresentaram as

profissionais que nos auxiliariam e nos orientariam nesse processo de tutoria. Já conhecia os dois alunos, pois estudamos no mesmo campus, inclusive já havia sido colega de um deles em uma disciplina.

O primeiro contato como tutor com os tutorados foi via mensagem de e-mail, através dos quais pude me apresentar e combinar o horário das tutorias. Infelizmente não obtive sucesso ao me aproximar de um dos alunos, o que demonstra ter características do Transtorno do Espectro Autista - TEA. Por conta do TEA, criar laços para poder realizar as tutorias acabou sendo difícil. Ao conversar com o aluno acabamos optando por não realizar os encontros, pois essa era a situação mais confortável para ele. São vários os fatores responsáveis pela dificuldade dos autistas em criar vínculos com as pessoas, como: muita dificuldade quanto a capacidade de perceber sentimentos e respostas sociais das outras pessoas, interpretação de maneira inadequada do tom de voz e expressão facial; dificuldade no contato olho no olho; pode apresentar rosto inexpressivo, dificultando a percepção de suas emoções; pensamento concreto e literal, dificultando o entendimento de piadas, metáforas, ironias, sarcasmo, dentre outros (BOSA, 2006; LEMOS, 2014).

Em minha outra experiência com o outro colega, logo consegui estabelecer um vínculo bacana. Em nossa primeira tutoria pudemos nos comunicar bastante e assim nos conhecermos. Esse acadêmico tem paralisia cerebral, apresentando comprometimento dos membros inferiores e superiores e dificuldades na fala e a comunicação com ele se dá através da escrita, pelo celular ou computador. Então, conforme ele escrevia, eu respondia e, assim, fomos conversando. Logo, nesse primeiro dia, pude perceber a animação dele e a energia boa que tem, pois em todos os nossos encontros para tutoria demonstrava bom humor e era comunicativo.

Ao observar como uma sala de estudos com um corredor estreito pode dificultar alguém que usa uma cadeira de rodas no acesso a um computador, se pode perceber que, a realidade é mais ou menos assim em vários lugares. São, muitas vezes, pequenos obstáculos que acabam dificultando a rotina das pessoas com deficiência, relegando elas às margens da sociedade, impossibilitando a inclusão de fato, e mostrando que muitas vezes não é a deficiência que limita as pessoas e, sim, o meio em que vivem.

Essas experiências que a tutoria tem me possibilitado, me surpreendem e me ajudam a rever o modo como eu percebo as coisas e as pessoas, assim como foi previsto, durante a primeira reunião do NAI com nós, tutores. Passamos a refletir sobre o modo de ver a universidade e sua estrutura, principalmente, a questão do acesso e como alguns obstáculos podem atrapalhar muito na locomoção, na circulação, na comunicação, nas relações, dentre outros, impedindo que as pessoas que têm alguma necessidade educacional especial tenham acesso e permanência na Universidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste sentido, temos discutido nas reuniões de formação do NAI, dentre outras questões, sobre a realização de projetos de extensão do Núcleo que contarão com a participação dos bolsistas-tutores, que ocorrerão nas escolas de Ensino Médio da nossa cidade, divulgando a política de cotas para pessoas com deficiência na UFPel e explicando o suporte que o NAI oferece durante a graduação. Também é apontada a importância de nós, como tutores, motivarmos os acadêmico-tutorados a participarem das atividades políticas, culturais e sociais

da Universidade. Mantê-los informados, convidá-los a participar e nos propor a participar junto com eles.

Os trabalhos do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão na UFPel são voltados à inclusão qualificada de todos e de todas na universidade, aonde possam ter autonomia, protagonismo, respeito pelas diferenças. Neste sentido, têm-se buscado promover ações também de conscientização, de discussão, de formação continuada, atendimentos educacionais especializados em caráter individual, organização de recursos didáticos adaptados, dentre outros.

Neste ano de 2017, nossa Universidade adotou a política de cotas para pessoas com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista e com Altas Habilidades/Superdotação no ingresso para os cursos de graduação e de pós-graduação. Através desta possibilidade, a UFPel avança na redução das barreiras de acesso e, contando com as demais ações no campo da disponibilização dos atendimentos educacionais especializados, da oferta de tutorias, do trabalho conjunto de orientações pedagógicas com coordenadores e professores dos cursos, perpassa também na diminuição de obstáculos que poderiam acarretar a reprovAÇÃO e a evasão destes acadêmicos em seus respectivos cursos.

Durante a graduação enfrentamos uma longa jornada onde somos postos a prova sobre nossos conhecimentos e capacidades de estudo. Encaramos algumas dificuldades lendo artigos e livros, fazendo traduções e trabalhos, instalando programas, tendo à frente semanas lotadas de provas, de seminários, de prazos a cumprir, de carga horária longa do curso com muitas disciplinas. Por experiência própria, tem sido visível que, para os alunos que possuem alguma deficiência, algumas barreiras a mais são enfrentadas ao realizar essas mesmas tarefas. Sendo assim, quero destacar nesta escrita a importância do NAI na UFPel, o qual, dentre tantas ações e trabalhos, através do projeto de tutorias, garante a oportunidade, para nós tutores, de criarmos meios de auxiliar os alunos com algum tipo de deficiência nessa árdua jornada que é a graduação.

4. CONCLUSÕES

A tutoria tem se mostrado uma experiência significativa para mim, me dando a oportunidade de crescer, de vivenciar realidades diferentes que irão enriquecer a minha formação acadêmica e meu desenvolvimento pessoal. Com ela estabeleço novos horizontes, novas relações e novos aprendizados, e espero continuar progredindo e crescendo durante todo o período como tutor do NAI, tendo a certeza de que levo essa experiência enriquecedora para o meu futuro pessoal e profissional.

No decorrer de todo processo, tem sido bastante perceptível o quanto vamos avançando nas questões relativas à inclusão e à acessibilidade em nossa Universidade. Muitos esforços estão sendo empreendidos para isso, mobilizando cada vez mais técnicos, professores e acadêmicos, para respondermos às demandas e às necessidades das pessoas com deficiência, com o intuito de alcançarmos qualidade no trabalho e no ensino e na aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSA, C. A. Autismo: Intervenções Psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, SP, v. 28, supl. 1, p. 47-53, maio/2006.
- LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPIÑO-RAMOS, C. S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília/SP, v. 20, n. 1, p. 117-130, jan./mar. 2014.